

REFLETINDO A FENOMENOLOGIA DE UMA TRADUÇÃO LIPOGRAMÁTICA DA *DE AETATIBVS MVNDI ET HOMINIS*

Cristóvão José dos Santos Júnior¹

RESUMO: Este trabalho debate o processo tradutório do segundo livro (*Ausente B*) da obra *De aetatibus mundi et hominis*, atribuída ao escritor tardo-antigo e norte-africano Fábio Planciades Fulgêncio, conhecido pelo epíteto de o Mitógrafo, a partir da edição fixada por Rudolf Helm (1898). Abordando, sob a forma de lipograma, o mito da Arca de Noé, Fulgêncio evita o uso de unidades lexicais que contenham a letra 'b', um feito curioso que está sendo mantido na tradução sugerida. Ocorre que, nesse processo, viu-se necessário realizar uma série de discussões referente a epistemes ligadas ao campo tradutório voltado para textualidades antigas, visando ao revigoramento e à revitalização de práticas e conceitos empreendidos na área. Assim, são realizados inúmeros diálogos com autores como Jacques Derrida, Giorgio Agamben, Haroldo de Campos, Michel Foucault, Anthony Pym, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Lauro Amorim, Alice Ferreira e Michaela Wolf.

PALAVRAS-CHAVE: Arca de Noé. Antiguidade Tardia. Tradução Lipogramática. Escrita Constrangida.

ABSTRACT: This work discusses the translation process of the second book (*Lacking B*) of the work *De aetatibus mundi et hominis*, attributed to the late-old and North African writer Fabius Planciades Fulgentius, known by the epithet of the Mythographer, from the edition fixed by Rudolf Helm (1898). Narrating, in lipogram, the myth of Noah's Ark, Fulgentius avoids the use of lexical items containing the letter 'b', a curious feat that is being kept in the proposed translation. In this process, it was necessary to carry out a series of discussions concerning epistemes related to the field of translation aimed at old textualities, aiming at the reinvigoration and revitalization of practices and concepts undertaken in the area. Thus, many dialogues are carried out with other authors, such as Jacques Derrida, Giorgio Agamben, Haroldo de Campos, Michel Foucault, Anthony Pym, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Lauro Amorim, Alice Ferreira and Michaela Wolf.

KEYWORDS: Noah's Ark. Late Antiquity. Lipogrammatic translation. Constrained Writing.

Situando o problema

Busca-se, no presente estudo, realizar uma tradução duplamente pioneira – por ser a primeira efetuada em língua portuguesa e a primeira do mundo empreendida sob a forma de lipograma – do livro II (*Ausente B*) da obra *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e do homem*), creditada ao escritor e possivelmente advogado Fábio Planciades Fulgêncio (o Mitógrafo), a partir da edição fixada por Rudolf Helm (1898). Distanciado

¹ Doutorando e Mestre pelo programa de pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: cristovao_jsjb@hotmail.com.

geográfica e temporalmente da Literatura Clássica canonizada, Fulgêncio foi um autor norte-africano que viveu entre os séculos V e VI, no período conhecido como Antiguidade Tardia, em um contexto caracterizado por uma profunda difusão da fé cristã.

A *De aetatibus* está dividida em 14 livros, em uma estrutura lipogramática de caráter consecutivo, em que Fulgêncio evitou o emprego sequenciado das letras que vão de ‘a’ a ‘o’. Nesta segunda parte, o Mitógrafo narra o mito da Arca de Noé, concernente ao dilúvio, evitando vocábulos que possuam registro em ‘b’, o que também foi produtivamente cultivado na presente proposta de tradução. Desse modo, torna-se evidente a necessidade de rememorar inúmeras discussões literárias atreladas à busca por superação das noções de equivalência, fidelidade e autenticidade, relacionadas a perspectivas essencialistas e logocêntricas, bem como a imprescindibilidade de pôr em tensionamento crítico as preferências eletivas articuladas.

Nesse processo, em termos teóricos, estabelecem-se práticas dialógicas com variados autores, como Jacques Derrida, Giorgio Agamben, Haroldo de Campos, Michel Foucault, Anthony Pym, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Lauro Amorim, Alice Ferreira e Michaela Wolf, no que tange à discussão de epistemes atreladas ao campo tradutório. Quanto à dimensão prática, por sua vez, busca-se um exercício orientado por uma série de critérios, tanto de ordem geral quanto destinados a dar lugar à restrição lipogramática, também se evitando, no português, o uso da letra ‘b’. Dessa forma, serão inicialmente apresentadas algumas reflexões teóricas reputadas relevantes para, em seguida, evidenciar a tradução lipogramática anotada.

Refletindo a tradução lipogramática

Exige-se do processo tradutório uma análise profundamente atenta e reflexiva, de modo que se possibilite um diálogo, dentro de uma perspectiva contemporânea, com os autores e seus respectivos textos, ainda que pertencentes a temporalidades remotas. Em realidade, o manejo de textualidades antigas, como o lipograma fulgenciano, exige um olhar ainda mais cauteloso desse fenômeno. Dessa forma, é oportuno ressaltar as contribuições de Giorgio Agamben em seu ensaio *O que é contemporâneo?* (2009), enfatizando os contornos da noção de contemporaneidade, imprescindível para um adequado confronto dos desafios tradutórios ante a conjuntura presente.

Buscando uma melhor compreensão sobre a ideia de contemporaneidade, Agamben retoma seu viés intempestivo, revitalizando a conceituação de Nietzsche, expressa em sua obra *Unzeitgemässe Betrachtungen (Considerações Extemporâneas)*. Posteriormente, salienta que o olhar contemporâneo exige um comportamento ativo do sujeito, o qual, através de uma desconexão, entendida enquanto deslocamento, e uma dissociação, no que tange a um

anacronismo, deveria apreender o próprio tempo, no que se explicitaria uma discronia, concernente a uma não-coincidência, necessária para sedimentar uma visão externa crítica de um indivíduo que não deve, todavia, viver noutra época.

Assim, no arcabouço de uma perspectiva ativa, o investigador-tradutor poderá enxergar as luzes presentes no escuro de seu tempo, através de um processo constante de interpretação, inerente ao labor tradutório. Dessa maneira, salienta-se o tempo cronológico que, todavia, não impõe uma limitação quanto ao exercício dessa atividade, a qual o transforma.

Exemplo desse supramencionado processo, conforme o próprio Agamben (2009), é a moda. Ela é responsável por gerar uma sensação de descontinuidade no tempo, no que tange às noções de atualidade e inatualidade atreladas a um estar ou não na moda. Dessa forma, impõe uma divisão temporal que, embora evidente, não é tangível ou apreensível. Nesse sentido, pode-se questionar qual o momento da moda: se do estilista, do desenhista, do alfaiate ou do desfile. Igualmente, no momento em que se diz que alguém está na moda, essa pessoa já estaria fora dela, tendo em vista a natureza peculiar do tempo da moda, a qual autoriza atualizações, com o resgate de estilos passados.

Como ser, então, contemporâneo a um escrito tão antigo, conferindo vida ao Fulgêncio da Antiguidade Tardia? A contemporaneidade, na prática, exige um exercício transformador. Deve-se, ante isso, perceber no presente as marcas do arcaico, entendido enquanto uma origem contemporânea ao devir histórico, buscando acessar o presente por via de uma arqueologia que permite uma correlação entre os inúmeros tempos, em uma releitura contínua da história.

É justamente focalizando essa perspectiva que se desenvolve o processo de tradução do lipograma fulgenciano *De aetatibus mundi et hominis*, adotando-se por base a edição fixada por Helm (1898). Nesse sentido, é importante frisar que está sendo realizada a primeira tradução para a língua portuguesa e a primeira do mundo em lipograma, momento em que se intensifica a busca por novos caminhos tradutórios, reavivando-se indagações teórico-práticas.

Realiza-se, dessa maneira, uma tradução interlingual ou ainda, conforme Roman Jakobson (2003), propriamente dita, conceito questionável por seu viés essencialista, considerando o imanentismo que encerra, o que é alvo de tensionamentos desconstrucionistas. Nesse sentido, assevera Anthony Pym o seguinte:

O uso de termos como tradução “propriamente dita” é visto como “essencialismo”, assim como o falso pressuposto de que as palavras têm seus verdadeiros significados (suas “essências”) de algum modo incorporados em si. Podemos agora dizer que a desconstrução é uma crítica de todas as formas de determinismo (PYM, 2017, p. 211).

Assim, colocam-se em tensão dialógica a língua do texto de partida (latim tardio) e a do texto de chegada (português brasileiro), com a produção de um suplemento também

lipogramático. Ademais, faz-se uso de notas explicativas, a fim de confrontar dados e outras contribuições tradutórias, além de elucidar questões que possam ser consideradas difíceis ou valiosas no processo de compreensão textual ou de apreciação do exercício tradutório transformador.

Ante o processo de tradução do segundo livro (*Ausente B*), evidencia-se a necessidade de rememorar inúmeras discussões tradutórias atreladas à busca por superação das noções de equivalência, fidelidade e autenticidade, relacionadas a perspectivas essencialistas e logocêntricas, bem como a imprescindibilidade de pôr em tensionamento crítico as preferências eletivas articuladas. Quanto a isso, verifica-se salutar a apreciação do seguinte escrito da teórica Rosemary Arrojo, feito em face de reflexões sobre o ensino da tradução:

Assim, uma tradução poderá apenas ser “correta” para alguém, ou para um grupo, e em lugar e tempo determinados; jamais poderá ser intrínseca e absolutamente correta, como jamais poderá ser independente da perspectiva e das circunstâncias em que é realizada ou avaliada. (ARROJO, 1996, p. 95).

Desse modo, impende destacar que durante muito tempo o labor tradutório se viu restrito a compreensões vinculadas à noção paradigmática de equivalência, atreladas a um caráter, por vezes, imanentista e de sabor totalizante. Assim, desenvolveram-se inúmeras perspectivas teórico-metodológicas, visando à apreensão de valores comuns a códigos linguísticos diversos, tanto no que tange à equivalência natural, como no que diz respeito à equivalência dinâmica.

Ocorre que uma série de reflexões difundidas na segunda metade do século XX abalou esse sistema de crenças. Em tais termos, questionou-se a relação de causalidade entre o escrito-fonte e sua tradução, além da própria (im)possibilidade de comunicação de sentidos, por via de um profundo ceticismo epistemológico de cunho indeterminista. Assim, evidenciou-se a instabilidade do texto de partida, o qual está sujeito a inúmeras regulações, até mesmo interpretativas, por parte de um sujeito-tradutor que afetaria seu trabalho com seus valores, ideologias e impressões.

Some-se à essa instabilidade de cunho interpretativo uma outra de viés material, atrelada à multiplicidade de textos de partida, muito evidente em relação aos textos medievais, como o de Fulgêncio, em que escribas produziam versões variadas de uma mesma obra. Ante isso, é proveitoso recuperar um escrito muito elucidativo de Anthony Pym:

A pesquisa descritiva mostrou que as ações dos tradutores variam consideravelmente de acordo com sua posição cultural e histórica. Por exemplo, em época anterior à impressão, os textos de partida eram com frequência manuscritos em constante processo de cópia, modificação e reescritura, bem como de tradução, fazendo da tradução apenas outro estágio em uma infinita sequência de transformações (sob esse aspecto, lembravam um pouco os nossos atuais websites e softwares). Não eram

pontos de partida estáveis aos quais uma tradução poderia ser considerada equivalente. O conceito de equivalência, portanto, não era um assunto que os tradutores medievais de fato discutiam; o paradigma simplesmente não estava em pauta porque existiam poucos textos de partida estáveis (PYM, 2017, p. 177).

Outro aspecto merecedor de atenção e que reflete essa instabilidade dos textos fulgencianos diz respeito à singularidade de seu latim. Seus usos linguísticos, exarados nos manuscritos, não se confundem com aqueles do período clássico, a exemplo dos encontrados em obras de escritores como Virgílio, Ovídio e Horácio, autores latinos canonizados.

Em realidade, o Mitógrafo se localiza em uma conjuntura cronológica notadamente transitória no que diz respeito ao uso do latim, que já se encontrava em intenso processo de transformação. Isso é explicitado em seus códices pelo registro de formas populares e de marcas que indicam o estado de concorrência linguística de teor variacional, o que pode ser facilmente percebido a partir da análise do aparato crítico elaborado pelo editor Helm (1898), em confronto com as lições por ele acolhidas. Neste âmbito, importa ressaltar que os escribas da obra fulgenciana apresentam características variadas, havendo aqueles considerados doutos, por atuarem com maior grau de intervenção no texto, realizando inúmeras correções, além daqueles de “mãos menos hábeis”.

Em atenção a essas e a outras problemáticas de ordem sociolinguística, buscou-se refletir, na prática tradutória, o estado de variação linguística presente em língua portuguesa contemporânea. Novamente, a busca pela manutenção dessa marca encontra fulcro não no aprisionamento simplório às amarras da equivalência, mas sim em um viés culturalista fomentador de saberes, tendo em vista que se ambiciona evidenciar elementos por vezes invisibilizados. Assim, a presente tradução assume uma feição transgressora, conforme enunciado por Lawrence Venuti:

Se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção, inclusive o layout da página e a arte da capa do livro impresso, a cópia para divulgação, a opinião dos resenhistas, o uso que é feito da tradução nas instituições socioculturais, o modo como é lida e ensinada (VENUTI, 2002, p. 131).

Nesse sentido, deve-se destacar que Fulgêncio é, por vezes, alvo de desaprovações por parte da crítica que o acusa de desconhecimento linguístico ou inabilidade pelo uso de elementos que, ao contrariar os usos clássicos, são eventualmente considerados errôneos. Ocorre, todavia, que o presente trabalho não só acolhe esses aparentes desvios como uma grande potência, como tenciona colocá-los em relevo, por entender sua importância histórico-sociológica e linguística.

A título de exemplo, empregaram-se estruturas tipicamente populares, como a contração ‘pro’ (para + o), muito útil no livro *Ausente A* por também permitir a manutenção da estrutura lipogramática, escapando, por vezes, de usos morfológicos mais consagrados. Além disso, também foram dispensados alguns comandos sintáticos da tradição gramatical normativa, como os relacionados às regras de colocação pronominal.

Conforme a lição de alguns estudiosos, em início de período e após pausas, dever-se-ia privilegiar a ênclise e a mesóclise, em detrimento da próclise. Ocorre que, no Brasil, é comuníssima a anteposição pronominal na linguagem falada e, até mesmo, na escrita, de tal sorte que seu uso, no texto de chegada, impulsiona uma série de reflexões ligadas ao meridiano linguístico-variacional. Assim, embora aqui se tenda, quanto à escrita científica, à adesão ao regramento mais consolidado, a tradução proposta reverbera inúmeras outras possibilidades expressivas, momento em que se revela um ponto de distanciamento entre o pesquisador e o tradutor de Fulgêncio.

Assim, possibilita-se a evidência dos inúmeros pontos de conexão e de afastamento existentes entre a cultura do texto de partida e a aquela do texto de chegada, a partir de uma postura ativa e questionadora, que, devorando inúmeros elementos dessa rede de culturas, reflete o enriquecimento antropofágico, seguindo os dizeres de Ferreira e de Rossi:

Nesse sentido, a incorporação da reflexão trazida no bojo do movimento antropofágico abre novas perspectivas no pensar a tradução, não mais estabelecida a partir de uma dicotomia entre um “dentro” e um “fora”, por exemplo, mas a partir de um espaço que se define como “entre” constituído a partir das inúmeras devorações. A tradução, portanto, passa a ser pensada como “devoração/digestão” dentro da constituição de um novo campo de reflexão epistemológico (FERREIRA; ROSSI, 2013, pp. 41-42).

Dessa forma, a presente tradução, embora parta do lipograma fulgenciano, nele não se encerra, buscando um diálogo contínuo entre as múltiplas culturas confrontadas. Esta empreitada tradutória visa, nesse sentido, a refletir tradições, não se limitando às contingências da escrita do Mitógrafo.

Aspecto que também chama atenção diz respeito aos estudos concernentes à tradução pós-colonial, em que é ressaltado seu poder ativo de influenciar culturas e de formar identidades. Por sua vez, muitas visões tradicionais relacionadas à tradução, a exemplo da ideia de transporte imparcial e imutável, tendem a reforçar a invisibilização de povos marginalizados. A tradução, para autores como Niranjana e Venuti, deve servir como instrumento de reflexão social, na medida em que pode influenciar a cultura-fonte e a cultura-alvo.

Investigando o processo de tradução literária, Cristina Carneiro Rodrigues (2000) analisa e discute as contribuições de autores como Lefevere e Toury em sua obra *Tradução e diferença*. Dessa forma, ela afirma que tais pensadores foram responsáveis por uma abertura de objeto no campo da tradução, na medida em que possibilitaram reflexões a respeito da crítica, de antologias e do trabalho editorial, dentre outros, identificando uma íntima relação entre literatura e cultura.

Além disso, Rodrigues também demonstra, a partir dos autores supracitados, a relevância da tradução como mecanismo atrelado a mudanças sociais ou à conservação de ideologias, de modo que se verifica necessária a incidência de uma orientação teórica articuladora. Tal estudiosa ressalta, todavia, que os aludidos autores conservam a noção de equivalência por considerarem a existência de leituras corretas do texto, as quais estariam vinculadas a normas de tradução e à invariante de comparação, para Toury, ou a estratégias em um processo de reescrita, para Lefevere.

Também refletindo essas questões, muito embora voltada a uma perspectiva descritiva associada à tradução etnográfica, Alice Ferreira (2014) questiona a naturalização de certos elementos na cultura social. Nesse sentido, em atenção ao multiculturalismo que nos norteia, chega a potencializar a característica do estranhamento como elemento tradutório, visto que ele permite um necessário desconforto movimentado para a compreensão do outro:

Assim, o estranhamento, o espanto na formação do tradutor-etnógrafo provocado pelas línguas-culturas diferentes, levam a uma modificação do olhar que temos sobre nós-mesmo. Fechados em uma cultura, somos incapazes de descrever-traduzir a cultura do outro e temos dificuldades em ver a nossa. A experiência da diferença nos permite ver o que não conseguiríamos imaginar porque nossa atenção tem dificuldades em se fixar sobre o que nos é habitual e por isso acabamos achando que é normal. (FERREIRA, 2014, p. 386).

Dessa maneira, ganham força estudos tradutórios relacionados à literatura marginalizada, garantindo-se voz a sujeitos e elementos culturais sistematicamente apagados e invisibilizados. Assim, discutindo epistemes atreladas a esse campo, buscou-se orientar o exercício tradutório através de variados critérios tensionadores, tanto de ordem geral quanto destinados a dar lugar à restrição lipogramática. Desse modo, também evitando, no português, o uso de vocábulos que possuam a letra ‘b’, busca-se produzir estranhamentos no leitor, alertando para a existência de uma tradição cultural literária pouco conhecida e, em certa medida, obliterada.

Obviamente, a adoção de um modelo restritivo de escrita requer a realização de uma série de concessões. Nesse sentido, a fim de cultivar produtivamente o rigor formal, com a

elaboração de um escrito literário que evitasse o emprego de uma letra do alfabeto, viu-se necessário o uso de vários recursos de ordem linguístico-figurativa. Assim, tanto o próprio Fulgêncio como seu presente tradutor singraram mares estilísticos inusitados, enveredando por raros subterfúgios retóricos, de modo a garantir a incolumidade da estrutura lipogramática, agitadora de reflexões.

Diante do exposto, impende ressaltar que a busca pela manutenção dessa característica formal da obra não encontra amparo em algum tipo de louvor ao paradigma da equivalência. De fato, o presente tradutor compreende o fenômeno tradutório como um movimento transformador, filiando-se à perspectiva derridiana de que o texto de chegada funciona como um suplemento, não buscando representar ou substituir o texto-fonte. Aponta para esse sentido a seguinte passagem da obra *Torres de Babel* de Jacques Derrida, tensionando noções imanentistas ligadas à fidelidade e à autenticidade:

Se a estrutura da obra é "sobrevida", a dívida não engaja junto a um sujeito-autor presumido do texto original – o morto ou o mortal, o morto do texto –, mas a outra coisa que represente a lei *formal* na imanência do texto original. Em seguida, a dívida não engaja a restituir uma cópia ou uma boa imagem, uma representação fiel do original: este, o sobrevivente, está ele mesmo em processo de transformação. O original se dá modificando-se, esse dom não é o de um objeto dado, ele vive e sobrevive em mutação (DERRIDA, 2002, p. 38).

Dessa forma, a prática tradutória opera, conforme Derrida, por via do jogo do rastro, através de um mecanismo de *differánce*, referente a um diferimento a ser entendido não apenas quanto a processos de diferenciação, mas também de distanciamento. Assim, o tradutor é visto como um efetivo criador, não devendo limitar suas práticas a essencialismos vinculados a uma suposta fidelidade ao texto-fonte, tido, por vezes, como original. Ante isso, é também discutível esse sentido de origem, tendo em vista a rede interminável de intertextualidades e a inexistência de um estancamento dos escritos a um circuito cerrado de apreciação.

Segundo Foucault (1977), o tradutor cria o “original”, sendo necessário desconstruir noções de autoria e de autoridade. Dessa forma, cada tradução representa uma recriação do texto-fonte, conferindo-se ao tradutor uma posição de maior protagonismo. Em tal sentido, Foucault combate a ideia de inspiração espontânea, afirmando que a obra é fruto de uma conjuntura sócio-histórica localizada, marcada por sistemas regulatórios e institucionais que lhe são característicos. Assim, questiona-se a originalidade do texto-fonte, o qual apresentaria uma abertura associada a lacunas e ocultações, possibilitando-se a reconsideração acerca do sentido de um texto.

Jacques Derrida, por sua vez, questiona perspectivas ontológicas fundadas na ideia de presença, alicerçando sua análise na aludida *différance*. Para ele a tradução não reproduz ou representa o texto tido por “original”, mas sim o modifica, mergulhando em sua abertura para um universo plural de sentidos, tendo em vista a inexistência de significados puros, de modo a se estabelecer um relacionamento entre línguas.

Após o giro paradigmático sofrido pelas teorias literárias, em decorrência do abalo epistêmico propiciado por perspectivas desconstrucionistas e pelos estudos culturais, é mister atentar para as correlatas reverberações no campo tradutório das Letras Clássicas, revigorando e reatualizando seus conceitos.

Dessa maneira, a presente tradução do lipograma fulgenciano não possui qualquer pretensão de definir estruturas rígidas de análise, tendentes a reduzir a obra literária a supostos núcleos essenciais que, quando confrontados, revelariam a existência imanente de um direcionamento equivalente. As produções artístico-tradutórias são multifatoriais, permitindo o cruzamento de inúmeros vetores de força na rede interminável de suas correlações e, portanto, de suas produções de saber. A tradução pode, inclusive, desierarquizar epistemes plasmadas no texto de partida.

Assim, este suplemento externa influências múltiplas, acolhidas como uma força motriz que se amplia conforme a densidade analítica engendrada, inserindo-se, desse modo, em um contínuo movimento dialógico. Nesse sentido, uma imagem muito potente para compreender esse movimento da tradução enquanto transformação é a do palimpsesto, continuamente apagado e reescrito. Ressalte-se, dessa forma, este trecho esclarecedor de Rosemary Arrojo, extraído de seu livro *Oficina de Tradução*:

Segundo os dicionários, o substantivo masculino palimpsesto, do grego *palímpsestos* (“raspado novamente”), refere-se ao “antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [...] mediante raspagem do texto anterior”. Metaforicamente, em nossa “oficina”, o “palimpsesto” passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo” texto (ARROJO, 2007, p. 23-24).

Em tais termos, não se busca representar a intenção ou alguma essência estática da obra fulgenciana, mas sim escrever no palimpsesto de seu lipograma. Dessa forma, o presente leitor deve ampliar seu exame para as potencialidades desse movimento tradutório, não se limitando a perseguir a figura de Fulgêncio no texto de chegada proposto.

Em sua obra *Escândalos da Tradução* (2002), Venuti aponta que identidades culturais podem ser formadas a partir da atividade tradutória. Nesse sentido, evidencia que a tradução

não corresponde a uma operação ingênua de mera transposição de signos, mas sim um instrumento que pode ser utilizado a serviço de ideologias, podendo, inclusive, canonizar autores estrangeiros dentro de comunidades domésticas. Ademais, os textos estrangeiros transcorrem por um filtro doméstico que perpassa pela análise de valores de comunidades diversas por agentes culturais.

Nesse processo, atuam interesses de ordens distintas, a exemplo de acadêmicos, estéticos e culturais. Justamente por isso, é preciso haver uma preocupação ética quando se está traduzindo, evitando-se, conforme Berman, uma atitude doméstica etnocêntrica em relação à cultura estrangeira, através de uma ética da diferença. Assim, embora seja inevitável algum grau de domesticação dos textos, deve-se buscar a representação da diversidade, tendo em vista a interculturalidade e a pluralidade de perspectivas. Compartilhando esse itinerário reflexivo, Lauro Amorim também focaliza a figura do tradutor enquanto produtor ativo de saberes, não lhe reconhecendo uma posição neutra:

Tradutores, historiadores, críticos, professores e ensaístas produzem textos que tornam possível a constituição de uma realidade textual, não sendo seu trabalho apenas um meio de difusão exterior às obras que analisam, discutem ou traduzem (AMORIM, 2005, p. 28).

Ante isso, a opção pela estrutura lipogramática, antes de representar um fetichismo quanto à versão latina ou uma busca incessante por equivalência mórfica, apresenta-se por pretender precisamente abalar tradições epistêmicas. Assim, põe-se em evidência uma marca que serve de alerta e tensionamento de uma tradição representacional invisibilizados escritos tidos por “experimentais”, ao passo que também serve como mecanismo de inflexão quanto à crença de alguns no caráter amplamente inovador do “rupturismo” Concretista, auge de difusão da escrita estrangida, que também conheceu a composição de lipogramas, como a obra *La Disparition* de Georges Perec.

Nessa vereda, cumpre retomar a perspectiva de Heidegger, que combateu teorias metafísicas da tradução, focalizando o sentido e a amplitude da linguagem em seu “*Dasein*”. Dessa forma, ele entende a tradução como uma ação condicionada por categorias de uma determinada época, mas que deve se voltar também para aquilo que não é denominado, aquilo que foi linguisticamente obscurecido.

A ótica hermenêutica é muito cara para o campo de Letras Clássicas, em que a interpretação assume uma posição de destaque. Nesse sentido, se o exercício tradutório em geral já se submete a enviesamentos interpretativos, isso fica ainda mais evidente quando a língua do texto de partida é o latim. O grande distanciamento cronológico impacta em profundas

distinções quanto às culturas linguísticas, o que gera uma dificuldade enorme de acesso aos textos. Se a leitura, em certa medida, está condicionada a percepção e ao acervo de quem a realiza, é muito mais fácil incorrer em anacronismos com escritos tão antigos.

Além disso, merece atenção o fato de que o latim é uma língua mais econômica que as hodiernas neolatinas do ponto de vista lexical, considerando, inclusive, que com o passar do tempo os idiomas tendem a se enriquecer com novos vocábulos. Disso deriva a existência de muitas possibilidades para a tradução de uma mesma unidade lexical, como evidenciado nos dicionários que apresentam inúmeras páginas de opções para um único verbete.

Portanto, em se tratando de textos latinos, chegam a beirar a obviedade discursos sobre a instabilidade do texto de partida decorrente de divergências interpretativas, pois é exatamente esse o cotidiano laboral da área. Ler latim não é tarefa fácil, e, em geral, mente quem afirma ser fluente nessa prática. Muitas vezes, uma breve leitura exige consultas constantes ao dicionário e a materiais que contextualizem a narrativa em exame.

Em decorrência da maior dilação temporal requerida, a tríade leitura-interpretação-tradução se explicita. Igualmente, é perceptível uma tendência na Área das traduções buscarem refletir o conhecimento da língua, o que também advém de certo compromisso hermenêutico vinculado a busca por minimizar eventuais incompreensões ou divergências, assumindo-se, amiúde, a dificuldade de acesso inicial aos textos até mesmo por especialistas, que, inclusive, usam frequentemente as traduções para manejar as versões em latim.

Dessa maneira, se, de um lado, as liberdades com o texto são naturalmente enormes, considerando essa grande abertura gerada no âmbito interpretativo, por outro, o público leitor exige muitas vezes que seus tradutores encarnem uma atitude mais reguladora. Assim, é comum a valorização de elementos semânticos e sintáticos, buscando-se, por vezes, evidenciar o conhecimento dos casos latinos e dos tempos verbais, além de outros registros de ordem gramatical.

A título ilustrativo, o público geral de traduções feitas a partir do inglês costuma ser formado por pessoas que desconhecem esse idioma ou não o estudam com profundidade. Quanto à Área de Clássicas, todavia, boa parte dos leitores das traduções são justamente os especialistas nas línguas antigas, que anseiam por traduções que acompanhem a leitura dos textos de partida.

Assim, a ênfase dada ao escrito antigo não deve ser entendida, na conjuntura atual, como uma ingênua galvanização ou busca por colocar seus autores em uma “torre de marfim”, mas sim como fruto de exigências de ordem prática. É digno de similar destaque o fato de que essa

postura também resulta da necessidade de evidenciar registros linguísticos e culturais tidos por relevantes, até porque, em muitos casos, como no de Fulgêncio, o escrito foi praticamente a única coisa que restou.

Embora alguns indivíduos possam considerar o destaque dado a elementos constantes no texto de partida como uma atitude meramente conservadora, a depender do prisma tomado pelo tradutor, é possível que haja a movimentação de epistemes, agitando a distanciada conjuntura moderna com o resgate de perspectivas pretéritas. Impulsiona-se um choque cultural de caráter produtivo, em que o público do texto de chegada passa a se enriquecer com aspectos sociolinguísticos antigos.

É exatamente essa linha de raciocínio que motivou a eleição da forma lipogramática para o exercício tradutório. Essa escolha não derivou, portanto, da busca pela simples manutenção de uma estrutura presente no texto de partida ou de alguma vaidade que tivesse este tradutor em impressionar seu leitor, eventualmente impactado com a constrição engendrada. Almejou-se, de fato, através da forma, motivar uma série de reflexões, ligadas, por exemplo, à antiguidade do lipograma, à marginalização dessa estética, à baixa difusão dessa tipologia literária na atualidade, à permanência de uma tradição experimental à qual se vincula o movimento Concretista, à variedade de estratégias estilísticas existentes, dentre outros.

Assim, é salutar expor o pensamento de Haroldo de Campos, defensor da isomorfia como mecanismo de elevada potência tradutória. Nesse sentido, a busca por tensão formal, articulada por aproximações relativas à estrutura, pode auxiliar o processo de transcrição de textos que, mesmo apresentando uma estrutura aparentemente similar, conservam uma independência autônoma quanto ao texto de partida, afastando-se, por conseguinte, da tradução tida por literal. Dessa forma, é digno de apreciação o seguinte trecho de sua obra *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar aquilo que ele denota”). (CAMPOS, 2011, p. 34).

Desse modo, em termos práticos, a tradução aqui aventada também acaba por se aproximar de uma perspectiva transcriadora, na medida em que traz à balha, de forma crítico-reflexiva, elementos estruturais ligados à cultura de partida em confronto com aquela de chegada, servindo, inclusive, como engrenagem para o impulsionamento epistêmico.

Assim, tendo em vista que a proposta de texto de chegada se move por um prisma multifacetado de intencionalidades, classificá-la como conservadora, em decorrência de seu apelo formal, seria algo reducionista e errôneo. Afinal, a tradução sugerida busca refletir uma série de aspectos concernentes à prática tradutória, à conjuntura de inserção da obra, à cultura do texto de partida e àquela do escrito de chegada, trazendo inúmeros tensionamentos críticos.

Ademais, a ideia de “tradução conservadora” também demonstra uma certa filiação ao paradigma da equivalência, enxergando nesse processo a mera ocorrência de perdas e de manutenções. Essa visão também padece de profunda incongruência, visto que a adoção, pelo tradutor, da estrutura lipogramática exigiu muitas vezes um significativo afastamento dos usos semântico-sintáticos fulgencianos. Se, por um lado, haveria uma aproximação na forma, por outro, incidiria um distanciamento quanto a outros traços estilísticos da obra.

Em realidade, não se busca aqui manter o Fulgêncio nu e cru, mas sim transcriá-lo. Nesses termos, a tradução oferecida não se insere em um jogo simplório de “perdas” *versus* “manutenções”, mas sim em uma potência ensejadora de saberes e de reflexões.

Além disso, foram analisadas a tradução elaborada para a língua inglesa por Whitbread (1971) e a realizada para a língua italiana por Massimo Manca (2003). Esse acréscimo se verifica como importante mecanismo de aprofundamento da atividade dialógica, a qual não só é enriquecida pelo tensionamento das diversas realizações tradutórias concebidas, como também pelo estudo e questionamento das notas explicativas feitas pelos autores.

Nesses termos, a tradução interlingual que se apresenta é do tipo comentada, fazendo-se intenso uso de notas explicativas, a fim de confrontar dados e outras contribuições tradutórias, além de elucidar questões que possam ser consideradas difíceis ou valiosas no processo de compreensão textual ou de apreciação do exercício tradutório transformador. A título de exemplo, discutem-se preferências eletivas ventiladas, emprego de figuras de linguagem, elementos característicos do estilo do autor e usos que denunciam o grilhão lipogramático, dentre outros.

Assim, a evidenciação das preferências eletivas empodera este tradutor que, consciente de sua não-neutralidade, busca refletir as consequências de suas escolhas, na medida em que assume um papel de mediação. Dessa maneira, na esteira de confrontos culturais, reflexões e necessidades de ordem prática, orienta-se um exercício tradutório que se abre para variadas possibilidades contextuais. Nesse sentido, é interessante rememorar a seguinte passagem de Michaela Wolf:

No contexto da translação as/os protagonistas das “negociações” são as/os tradutoras/es e intérpretes; elas/es são as personagens essenciais para dar impulso às mudanças de seu meio e, com isso, dos meios com os quais estão em contato, no contexto de sua ação no espaço de mediação. (WOLF, 2013, p. 163).

Enfim, munido de todo o arcabouço teórico retrocitado, o leitor já poderá apreciar o texto de chegada em língua portuguesa, que também recebeu algumas notas dedicadas ao itinerário percorrido pelo tradutor.

Texto de chegada

No primeiro livro, no qual, certamente, forçados pelo estrito grilhão da norma, não só renunciamos à plena faculdade de falar, como inclusive, atingidos por um fórceps tenaz, perdemos os efeitos sonoros das sentenças e dos construtos retóricos, em que nem me foi lícito, por algum tempo, nomear Adão, nem foi permitido aludir sua mulher e os díspares irmãos, um afligido pelo crime de fratricídio, por causa do veneno da inveja, o outro inocente mártir dos primicérios².

Por isso, se investiga agora a segunda idade do mundo, a qual tem início com a feliz transferência de Enoque, acolhido como residente do paraíso, em que a morte, ainda que tenha possuído todos os frutos do mundo com ávida voracidade, distanciou-se defraudada, mas por uma só vez³.

É necessário que prossigamos até as rugientes ondas do gigantesco dilúvio e as gotas advindas do céu, vingadoras dos delitos. Em tal circunstância, encarcerado na feliz prisão da arca salvadora e levado como herdeiro das eras pretéritas, Noé, que inclusive foi feito condutor do tempo futuro, é lançado, em segurança, por um naufrágio propício. Este, sem dúvida, mereceu, de modo santo, não só ter que fugir do mundo morrente, como reinar no que estava nascendo⁴.

² Conforme Manca (2003), referências a correntes são uma constante no legado fulgenciano, tanto em sentido material (*aet. mund.* X, 165, 16; *myth.* II, 47, 5; *myth.* I, 19, 3), como em âmbito sexual (*myth.* II, 41, 23; II, 47, 13; III, 75, 3; VII, 150, 22). A forma latina traduzida é ‘*primicerium*’. Nesse caso, optou-se pelo registro de prisma filológico com o vocábulo ‘primicério’, usado para designar o primeiro em qualquer função ou dignidade. Essa escolha também se demonstrou interessante por ter um caráter mais específico do que palavras como ‘primeiro’, ‘primevo’, ‘originário’ ou ‘antecedente’. Ademais, é importante observar como Fulgêncio emprega uma série de figuras de linguagem e circunlóquios mesmo quando não está diante de um obstáculo lipogramático. Por óbvio, a existência de restrições eleva a necessidade de subterfúgios retóricos, mas essa linguagem indireta é uma marca fulgenciana, presente, inclusive, em suas outras obras (*Mythologiae*, *Sermonum* e *Virgilianae*). Esse aspecto estilístico salta aos olhos nesta passagem, pois Fulgêncio – afirmando não ter podido, no livro inicial (*Ausente A*), referir-se a Adão, sua esposa e seus filhos – continua sem adotar os nomes ‘*Eva*’ e ‘*Cain*’, ainda que agora a constrição seja apenas quanto ao uso da letra ‘b’.

³ Vide Gênesis 5:24. Enoque foi um patriarca descendente de Adão que, supostamente, tornou-se pai aos 65 anos e morreu com 365 anos, vivendo no período disposto entre 3382-2017 a.C.

⁴ Vide Gênesis 6-9. Perceba-se que se buscou manter, na tradução, o efeito aliterante imitativo do som das ondas do mar. Em latim, Fulgêncio utiliza “*usque in gigantei cataclysmi rugientes undas et ultrices scelerum*”

Quão melhor teria sido, meu Deus, construir pela segunda vez o novo mundo e terminar em Noé, ainda que justo, com qualquer sorte de morte? Principalmente porque nunca a fadiga está presente em Deus e em sua criação, nem Deus se cansa de realizar algo, mas, com sua imposição, manda que seja feito, contanto que o viveiro do pecado de Adão não tivesse escapado das águas até uma outra era, e a infância do novo mundo não fosse maculada por causa do tempo pretérito. Mas tu serás testemunha consciente de tuas ordenações, para quem é permitido não só fazer todas as coisas justas, como inclusive ordenar raros juízos. Sendo assim, declaremos o que a idade do mundo teria produzido neste tempo.

Então, pela primeira vez, a angélica indolência, exilada do céu, se incendeia, inflamada pelo calor da luxúria, e, contra as leis da natureza, se conjuga em amplexo ao ser humano. Do incomum coito resulta a prole cicatrizada, e, contra as leis da natureza, a massa gigantesca é inteiramente estendida em uma enorme estatura. Herda da semente materna forma semelhante à humana, assume do coito paterno a surpreendente força da grande altura. Em seguida, entre os pecados excrescentes dos humanos e dos anjos, Noé, o único considerado pessoalmente justo por Deus, é eleito pai da arca, é salvo pela mãe arca, se torna residente de sua construção, colega das serpentes, hóspede dos seres alados, companheiro de animais domésticos e inclusive das feras. Viu os filhos jogando com cerastas e dragões, e não temeu os netos sentando, efusivamente, com elefantes⁵.

expromtatas caelitus guttas perducamus necesse est”, traduzido como “é necessário que prossigamos até as rugientes ondas do gigantesco dilúvio e as gotas advindas do céu, vingadoras dos delitos”. Note-se, assim, que na tradução de *cataclysmi*, utilizou-se ‘dilúvio’, ao invés de ‘cataclismo’. Embora essa troca represente um prejuízo à aliteração, ela se justifica pelo fato de o vocábulo dilúvio ser, hoje, extremamente representativo da história de Noé, o que não pode ser dito de ‘cataclismo’, que já se encontra em relativo desuso. Por isso – atentando para a cultura de chegada e buscando ressaltar um termo que se demonstra central, quanto ao núcleo semântico da narrativa – este tradutor cedeu parcela da plasticidade sonora, atingindo exatamente a palavra-chave da figura de linguagem. Contornou-se essa situação através do intenso uso de sons sibilantes, inclusive no termo ‘gigantesco’, opção intencionalmente tomada para a tradução da palavra ‘*gigantei*’, que nem apresenta o registro aliterante. Ademais, segundo Manca (2003), a preferência por ‘*cataclysmus*’ a ‘*diluium*’ decorre da busca por evitar o ‘u’ intervocálico, que poderia ser considerado uma violação ao regramento lipogramático por sua aproximação com a letra ‘b’.

⁵ Vide Gênesis 6:2–4 e 8–9. *Elegitur*’ foi traduzido por ‘é eleito’, pois essa estrutura consegue, em um só tempo, sinalizar um registro do texto de partida e pôr em evidência um vocabulário de matriz religiosa, visto que é relativamente comum expressões como “eleitos por Deus”. Nesse sentido, merece destaque que esta tradução também buscou atentar para o emprego de linguagem litúrgica, componente estético relevante por dialogar diretamente com o conteúdo da obra. A palavra ‘Cerasta’ (gênero *Cerastes*) diz respeito a cobras peçonhentas encontradas em desertos norte-africanos e na península arábica. A referência a esse animal é, desse modo, sugestiva do local de produção da obra, configurando, portanto, uma pista de natureza geográfica para o conhecimento de seu autor. Afora isso, sublinhe-se que a alusão a uma criatura local também demonstra uma afetação do texto pela cultura de entorno. Note-se, por fim, o paralelismo aliterante entre os participios presentes ‘*ludentes*’ e ‘*adsidentes*’ que foi traduzido pelo contraste entre os gerúndios ‘*jogando*’ e ‘*sentando*’. Ademais, é importante recordar que, no latim, os participios possuem uma carga notadamente verbal, razão pela qual é comum que sua tradução seja feita pelo gerúndio.

A arca seminal, para conduzir avante os restos da nação passada para a era vindoura, escapa navegando do mundo futuro, e as ondas mortíferas – que com a ruína do mundo, em um primeiro momento, destruiriam não só a semente, como inclusive o futuro –, estrondam por todos os arredores o encargo salvador. Entretanto, a tranquilidade dos justos, até mesmo na era morrente, não consegue temer qualquer movimento agitado⁶.

Agora, portanto, assim como expusemos a situação associada à primeira idade do mundo, quando, a partir de Caim, acolhe em si o veneno da inveja, e quando, a partir de seu irmão, suplica auxílio de leite – que, de fato, um oferece em sacrifício, e o outro toma – exponhamos, portanto, o que aspiraria uma circunstância semelhante na segunda idade⁷.

Como, decerto, nas crianças, a maturidade se erige insípida, assim se ergue a imprudente índole dos gigantes. Como, a estes, a catástrofe inflamada do dilúvio paga os pecados, assim, às crianças, a imersão na fonte lava o malfeito. Lá a água se torna punição da transgressão angélica, aqui a água se torna refutação do pecado original. Lá o anjo transgressor anseia o pecado, aqui o fruto da humana concupiscência é diluído. Lá a natureza do mundo pecador que deveria ser transplantada, em um só gérmen, em outra era, escapa nadando na água purgadora. Aqui pela redenção do único Cristo pugnador, o homem renasce restaurado a partir dos fontanos sacramentos da Igreja. Lá salta do mundo na arca para fugir do dilúvio, aqui se refugia do mundo na arca da Igreja para que, catequizado, fuja do Inimigo. Aquele prende feras e serpentes inofensivas na arca, este, com a recordação da arca eclesiástica, aterrorizou as gargantas rugientes dos leões e as cristas dos dragões, surgentes com elevada turgescência. Aquele aprende a lei: não coma carne com sangue. Este assume a lei: que se sacie através da carne e do sangue de Cristo. A onda estronda ao redor daquele, pelo que o sufocaria afogado. A água

⁶ Fulgêncio adota o termo '*seminalis*'. Nesse sentido, a tradução 'seminal' reforça um arranjo lexical sofisticado, em que são utilizados continuamente termos que remetem a noção de origem, de gênese e de criação. Ademais, o lipogramista emprega novamente o recurso da aliteração, agora para simular as ondas. Dessa maneira, fica evidente seu esmero estético, almejando estruturar uma série de imagens, com o transporte do leitor para o cenário narrado. Assim, ao mesmo tempo que o truncamento linguístico parece gerar um afastamento (não é fácil ler Fulgêncio), o uso intenso de recursos plásticos traz uma aproximação, o que pode também sugerir uma certa preocupação didática. Por um lado, o rebuscamento reforça a mística religiosa de seu texto, mas, por outro, o descritivismo ajuda o leitor a se inserir na história, sentindo melhor o escrito. Apreenda-se o jogo antitético estabelecido entre os termos '*securitas*' (tranquilidade) e '*sollicitum*' (agitação), o que corrobora o estado de angústia existencial da visão cristã medieval, contribuindo com a arquitetura poética da obra.

⁷ Vide Gênesis 4:1–8. Note-se, mais uma vez, que, em um pequeno trecho, Fulgêncio repete a conjunção conclusiva '*ergo*' (portanto). Essa preocupação em estruturar o texto com muitos conectivos textuais é uma marca típica do campo jurídico, em que se busca transparecer, no escrito, elementos da oratória ligados à persuasão argumentativa. O advogado precisa concatenar os componentes de seu discurso de forma lógica e bem estruturada, de modo que é comuníssimo, mesmo na oralidade, o abundante uso de síndetos. Esse mesmo feito é empreendido pelo narrador ficcionalizado, que parece estar – durante toda a obra – tentando convencer o leitor de seu ponto de vista. Também merece atenção o uso do operador argumentativo '*quidem*', traduzido como 'de fato'. Antes dessa ocorrência, predominam os casos com o operador '*enim*', geralmente aqui traduzido como 'com efeito'.

santifica este, pelo que o renderia purificado. Atente, pois, que todas as coisas não só são consonantes como a água, mas inclusive são aproximadamente iguais por uma estreita ligação⁸.

Ali dois seres alados são enviados do flanco da arca para realizar o dever de legação, dos quais um regressa testificante com um raminho de oliveira e, ordenado pelo poder do mandante, se alegra anunciando a paz das águas. O outro, atrasado, a se alimentar das carnes de carniças, seduzido por um iníquo desejo, assim como negro pelo corpo, ainda mais negro pela mente, não retorna⁹.

Não diferentemente, inclusive no homem, mundo menor, constatarás ainda que o católico – enxertado pelo ramo da crisma, desde o oleastro à frutífera raiz – conserva sempre a Igreja, quotidiana e fielmente a retornar. O herege, todavia, capturado pelas viciosas imprecações da infidelidade, não só não se recorda do retorno à mãe Igreja, como inclusive desdenha os atos advertidos por outrem. Sortudo ele! Em muitos modos sortudo, se a carraspana desmedida de suas plantações não tivesse sido considerada escândalo pro Patriarca. Aprendeu, alcoolizado, a não mais ter respeito religioso, o qual, mais seguro no meio das ondas rugientes, foi praticado pela Ajudante¹⁰.

⁸ Perceba-se a repetição do operador argumentativo ‘*sicut*’ (‘como’). O Mitógrafo empregou o particípio futuro ‘*instinctura*’ (que está para ‘enfurecer’), traduzido pelo adjetivo simples ‘inflamada’. Essa escolha decorre da busca por evidenciar o oxímoro formulado a partir do contraste entre ‘*instinctura*’, que denota uma noção de fúria ligada ao fogo e ‘*cataclismi*’, que já está ligado à cólera das águas. Esses dois elementos (fogo e água) antagonizam-se entre si e, ao mesmo tempo, em uma coexistência paradoxal, representam símbolos bíblicos da purificação. A “imersão na fonte” refere-se ao batismo, o qual diz respeito a um ato purificador que, conforme a tradição católica, já deve ser realizado logo na infância. Neste trecho, também se verifica um paralelismo cruzado, conhecido por quiasmo, entre os termos ‘*pueris*’ (‘crianças’), ‘*gigantea*’ (‘gigantes’), ‘*his*’ (‘a estes’, ou seja, os gigantes) e ‘*pueris*’ (‘crianças’), antecédidos, respectivamente, pelos operadores argumentativos ‘*sicut enim*’ (‘como’, ‘decerto’), ‘*sic*’ (‘assim’), ‘*sicut*’ (‘como’) e ‘*ita*’ (‘assim’). Em latim, encontra-se “*Sicut enim in pueris aetas insulsa erigitur, sic gigantea inconsiderata materies tollitur; sicut his instinctura cataclismi praerogat scelus, ita pueris tinctura fontis diluit facinus*”. A tradução também reflete o jogo quiasmático, conforme evidenciado em “**Como, decerto, nas crianças, a maturidade se erige insípida, assim se ergue a imprudente índole dos gigantes. Como, a estes, a catástrofe inflamada do dilúvio paga (os pecados), assim, às crianças, a imersão na fonte lava o malfeito**”. Em similar sentido, buscou-se preservar o jogo fulgenciano empreendido a partir da aproximação entre os termos “*aquis purgatorii*” (‘água purgadora’) e “*Christi pugnantis*” (‘Cristo pugnador’), vinculados pela semelhança sonora dos vocábulos ‘*purgatorii*’ (‘purgadora’) e ‘*pugnantis*’ (‘pugnador’). Ainda se verifica um paralelismo muito elaborado, que foi estruturado com a repetição de verbos de mesma raiz (‘*fugiat*’, ‘*confugit*’ e ‘*effugiat*’) – diferenciados unicamente por prevérbios –, do substantivo ‘*arcam*’ (‘arca’), do termo ‘*ex mundo*’ que varia para ‘*ex in mundo*’ e do vocábulo ‘*ut*’ que introduz, primeiramente, ‘*cataclismum*’ e, em seguida, ‘*catequizatus*’, conforme destacado a seguir: *illic ex mundo in arcam transilit ut cataclismum fugiat, hic ex in mundo ad ecclesiae arcam confugit, ut catequizatus hostem effugiat*. Buscou-se preservar a figura retórica na tradução: Lá salta **do mundo na arca** para **fugir do dilúvio**, aqui se **refugia do mundo na arca** da Igreja para que, **catequizado, fuja do Inimigo**. Sublinhe-se, ademais, que a palavra ‘Inimigo’ se refere a Satanás. Por fim, Fulgêncio ressalta o giro hermenêutico do antigo para o novo testamento, em que a existência de Cristo, entendido como o cordeiro de Deus que retira o pecado do mundo, dispensaria sacrifícios animais, no que se destaca a existência do paralelismo articulado pelos termos ‘*accipit*’ (‘aprende’) e ‘*suscipit*’ (‘assume’).

⁹Vide Gênesis 8:6–12.

¹⁰Vide Gênesis 9:20–21. A opção pela forma ‘enxertado’ ressalta a apropriação do léxico ligado à agricultura, tendo em vista o uso pelo lipogramista do vocábulo ‘*insertus*’, ligado à noção de cultivo. O vocábulo ‘oleastro’ assume dupla função tradutória. Em primeiro lugar, garante a estrutura lipogramática, visto que o termo

O que fazemos, humana fragilidade?! O santíssimo patriarca luta com o mar revoltado, com o céu ameaçador, com a imensidão marinha rugiente, com o dilúvio espumante, e, mesmo vencedor de todos os elementos, se deita de modo indecente, mediocrementemente derrotado pelo vinho. Constrói, sapientemente, uma arca tricameral, para que a onda destruidora não encontre uma fenda e, contudo, mostra pros filhos jazendo, encharcado e alcoolizado, as partes íntimas, indecentemente¹¹.

Que seja, pois, suficiente ter descrito até aqui os arranjos da segunda idade do mundo, no que a matéria pôde requerer¹².

Considerações Finais

Partindo de uma ótica tradutória de viés pós-estruturalista, buscou-se fomentar a movimentação epistêmica no itinerário prático que desembocou no texto de chegada lusófono. Assim, realizou-se a primeira tradução para a língua portuguesa e a primeira do mundo sob a forma de lipograma do livro II (*Ausente B*) da obra *De aetatibus mundi et hominis (Das idades do mundo e do homem)*, atribuída a Fábio Planciades Fulgêncio.

Além do fato de ser duplamente pioneira, essa tradução possui a qualidade de tensionar criticamente uma série de critérios adotados em seu processo criativo de concepção, desde a adoção de arcaísmos de cunho classicizante a de termos populares, sugestivos do fenômeno de mudança linguística, apenas para citar dois dos muitos exemplos. Desse modo, o presente suplemento transcriador assume uma feição rizomática enquanto engrenagem para a produção de saberes e de reflexões, deslocando o próprio eixo de compreensão de autoria, ao questionar diretrizes logocêntricas pautadas na noção paradigmática de equivalência.

Em tais termos, o tradutor-criador, certo de sua não-neutralidade, não buscou substituir o texto de partida latino por outro que lhe equivalesse, perseguindo, simplesmente, a figura de Fulgêncio. Almejou-se, em realidade, dar nova vida ao Mitógrafo, agitando dimensões culturais dentro de uma rede intertextual maior, com o fornecimento de mais uma possibilidade de leitura para o público.

atualmente mais comum para designá-lo é ‘zambujeiro’, que contém a letra ‘b’. Além disso, tal arcaísmo também colabora com o prisma filológico-classicizante. Ressalte-se, por fim, que a referência realizada por Fulgêncio à Igreja como mãe deriva, possivelmente, de uma leitura de Tertuliano, *Ad martyr* as 1.1, e *De oratione* 2.6 (WASHINGTON, 1943 apud WHITBREAD, 1971).

¹¹Vide Gênesis 6:16.

¹²Mais uma vez, o narrador ficcionalizado assume a figura de um professor ou advogado, abordando sua narrativa segmentada em “matérias”.

Referências

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AMORIM, L. Tradução e adaptação reescrevendo os limites da transgressão. In: _____. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em 'Alice no País das Maravilhas' de Lewis Carrol, e 'Kim', de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ARROJO, R. O que efetivamente pode ensinar o professor de prática de tradução. In: COSTA, Luiz Angélico da (org.). *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, PPGLL, 1996, p. 91-97.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- CAMPOS, H. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.
- DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FERREIRA, A. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em 'Tristes Tropiques'. *Revista Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 36, n. 4, p. 383-393, 2014.
- FERREIRA, A.; ROSSI, A. Antropofagia, Mestiçagem e Estranhamento: Tradução em (Dis)curso. *Revista Cadernos de Tradução*. Florianópolis, n. 31, p. 35-55, 2013.
- FOUCAULT, M. *Language, Counter-Memory, Practice*. Tradução de Donald F. Bouchard e Sherry Simon. Ithaca: Cornell University Press, 1977.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MANCA, M. (a cura di). *Le età del mondo e dell'uomo*. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.
- PYM, A. *Explorando Teorias da Tradução*. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- RODRIGUES, C. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167
- WHITBREAD, L. G. *Fulgentius, The Mithographer*. Ohio: State University Press, 1971.
- WOLF, M. *A Vontade de Poder: tradução no campo de tensão entre poder e ética*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. Santa Catarina: Tubarão, 2013.